



Panorama precioso das letras atuais

Papos contemporâneos,
organizado por Dau Bastos

Luciana Hidalgo*

Leitores costumam buscar transparências em cultuados escritores, ou mesmo um viés íntimo. Mas em geral qualquer proximidade excessiva desvela justamente o antimito. *Papos contemporâneos 1*, compilação de entrevistas com doze autores brasileiros, é exemplar dessa devassa dos bastidores de poetas e prosadores que, ao falarem de si e de suas obras, traçam um panorama precioso das letras atuais e não disfarçam ser esse tráfego literário pouco facilitado num país de certezas movediças. Seja nos relatos do dia a dia criativo ou da dificuldade de sobrevivência pela venda do livro, percebe-se que o mito descasca, embaça. A rotina impede a sua glorificação e, no entanto, ao fim de tantas entrevistas, escritores saem paradoxalmente mais heróis do que nunca.

O que diferencia as entrevistas do livro das que são normalmente publicadas no jornalismo é, sobretudo, o interlocutor: a maioria das conversas é atizada pelo escritor Dau Bastos, com a ajuda de alguns de seus alunos da Faculdade de Letras da UFRJ, enquanto outras são realizadas com poetas entrevistando poetas. Essa conversa entre pares dá o tom singular, pois rende registros aparentemente informais entre especialistas que compartilham questões fundamentais.

* Pós-doutoranda em Letras (UERJ).

Antonio Carlos Secchin, professor, escritor e imortal da Academia Brasileira de Letras, comove ao revelar que o iminente risco de cegueira acelerou seu compasso poético na época em que ficou doente (com toxoplasmose): “Cheguei a escrever dois poemas num único dia, o que, em termos de minha produção, corresponderia a um sedentário que conseguisse correr três maratonas em doze horas”. Jura, contudo, que a poesia desse período não resultou mórbida, mas solar.

O poeta Armando Freitas Filho confessa-se tomado pelo pensamento negativo desde a infância e, ao contrário dos que veem na angústia uma musa universal e democrática, acredita que escreveria melhor sem ela: “A impressão que tenho é de que escrevo como que seguro por esse sentimento: ele me agarra o cangote, me puxa e me prende o braço. Tanto que muitos críticos falam que o que escrevo é arrancado, sincopado, cortado bruscamente”. Os papos contemporâneos trazem, inevitáveis, temas contemporâneos, a exemplo de outra revelação de Armando: ele conta que no poema “Raro mar” o céu ali exposto é o do monitor de seu computador, que inspira uma “falsa paz”.

Mudam os tempos, movimentam-se os enfoques sobre velhas temáticas – não menos interessantes. Nem por isso temas como a alegria, pura e ideal, ficam de fora. Pelo contrário, é exaltada pelo professor e poeta Eucanaã Ferraz, quando diz: “A tristeza não faz a arte melhor, faz apenas a arte mais triste”. Ele é um entre tantos exemplos da versatilidade do intelectual brasileiro. Para obter precioso tempo para a escrita, a maioria desenvolve atividades profissionais relacionadas à literatura, trabalhando como professores de Letras, críticos, tradutores, ou organizando eventos literários.

Neste perfil inclui-se Gustavo Bernardo, professor de Letras da UERJ, autor de romances, livros infanto-juvenis e de en-

saios, capaz de refletir sobre as atuações diversas com cautela: “Se não temos cuidado, acabamos impondo ao texto a marca do docente, para mostrar erudição, o quanto lemos, o quanto sabemos, ou seja, parte do que deveríamos canalizar para a escrita ensaística. Acontece que fazer ficção é o oposto disso: num romance, você não pode mostrar o que sabe, até porque não sabe nada mesmo. Na verdade, o professor atrapalha bastante o escritor”.

Outra questão atualíssima abordada no livro é a relação do autor com o mercado editorial, cada vez mais profissionalizado e em busca de *best-sellers*. Com isso, perdem a produção intelectual e o futuro da literatura no Brasil, por falta de uma política pública específica para preencher a lacuna deixada pela vocação comercial das editoras. Sobre o assunto, Gustavo lamenta: “É difícil aceitar que a literatura de qualidade seja para poucos”. Godofredo de Oliveira Neto, professor e romancista, conta que escreveu o livro *Marcelino Nanmbrá, o manumisso* sabendo que a narrativa seria considerada truncada e, por isso, afastaria o público. Resultado: a crítica adorou justamente o estilo “difícil”: “É como se o fato de assumir uma proposta nítida de não ser popular indicasse para a crítica que o livro deve ser respeitado”.

O professor e escritor Ronaldo Lima Lins reconhece que desistiu de vez das concessões necessárias ao sucesso comercial. Declara ter escrito livros de encomenda que ele próprio não considera literatura, mas sabe que a precariedade nacional atrapalha: “Se nosso país tivesse uma fundamentação cultural mais profunda, haveria editores como antigamente, que iam além do ganho e realizavam um trabalho cultural importante”.

Outro entrevistado, Sérgio Sant’Anna, também perpassa o assunto, ao se dizer sem tempo para a literatura de entretenimento,

onde a busca do suspense pelo suspense, da boa trama, é o bastante. “A pessoa que desperdiça tempo assistindo a novela de TV quer saber o que vai acontecer, quando já se sabe”, argumenta.

Outra faceta contemporânea das entrevistas é a opinião de poetas do quilate de Ferreira Gullar sobre a produção de hoje. A seu ver, alguns contemporâneos criam poemas excessivamente herméticos, em sua maioria equivocados: “Percebo em algumas coisas que tenho lido uma tendência a uma linguagem desligada das referências que possibilitam que o leitor penetre naquilo. Acontece que a arte é uma coisa popular. Pode até não atingir as pessoas, mas não pode ser feita para eruditos, a exigir pesquisas, notas de rodapé”.

Entre tantos temas e autores – figuram ainda na lista boas entrevistas com os ficcionistas Rubens Figueiredo e Rosa Amanda Strausz, bem como com os poetas Cláudia Roquette-Pinto e Leonardo Martinelli – chama atenção a massa de vozes heterogêneas que acabam por compor um painel atualizado e conciso da relação do escritor com seu tempo. Isto porque unem-se as mais variadas tonalidades da atividade intelectual: o autor, o leitor, o mercado editorial, a crítica, a universidade. Nesse balanço, a sinceridade transgride, e preconceitos mútuos são discutidos de uma forma muito agradável, flagrando por vezes uma nostalgia romântica em relação ao livro que sempre fez parte do “ser escritor”. Afinal, sem esta aura racionalmente passional, eles, os autores, perderiam toda a sua mística.

